

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

Instituto, R. Jardim Regedor, 13 e 15

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Mad^{me} Tassu-Spencer — Musica de Camara (conclusão) — Concertos — Francisco J. de S. Bahia — De Paris — Noticiario.

Mad.^{me} Tassu-Spencer

A harpa é um dos mais bellos e característicos instrumentos, tanto pela sonoridade como pelos recursos e extensão; neste ponto compete-lhe o terceiro lugar, depois do órgão e do piano.

Por isso tão apreciavel ella é nos salões como indispensavel na orchestra.

Os compositores antigos só a empregavam raramente e em circumstancias muito especiaes, mas os modernos nunca prescindem, nas suas grandes partituras, de duas ou mais harpas, cujos effeitos são tão variados e cujos accordes tão caracteristicamente se juntam com a voz e com todos os outros instrumentos da orchestra. Wagner empregou a harpa com grande frequencia, e nas suas operas ha passagens que, embora escriptas para uma harpa só, não podem ser executadas nos instrumentos de systema antigo senão dividindo-as por differentes executantes; para esse fim tem a orchestra de Bayreuth nada menos de sete harpistas.

Muitos artistas de grande talento tem feito da harpa a sua especialidade e por ella tem adquirido nome. Basta citar o do celebre Go defroid, fallecido ha pouco tempo, e o de Hasselmans, que é hoje professor no conservatorio de Paris.

Entre os mais notaveis da actualidade, merece honroso lugar a harpista eminente a quem hoje prestamos esta modesta homenagem.

A sua educação musical foi feita no Conservatorio de Paris, onde obteve em 1886 o primeiro premio de harpa, por voto unanime do jury examinador. Não descurando nunca os estudos superiores, a que todo o verdadeiro artista se deve dedicar, trabalhou com afincio o contraponto, o acompanha-

mento e a fuga, e desenvolveu ao mesmo tempo no seu dilecto instrumento uma tal virtuosidade, que lhe permitiu affrontar a severa critica parisiense em um memoravel concerto que org'nizou em 1890 e a que assistiu um selecto auditorio de jornalistas e amadores d'arte. Este primeiro concerto foi uma verdadeira revelação e marcou brillantemente o inicio dos nune osos successos que estabeleceram depois tão solidamente a celebridade do seu magnifico talento.

Nos grandes concertos de Paris, assim como em Londres, Bruxellas e outras muitas cidades, tem suscitado a admiração geral, pela individualidade que imprime ao que toca, pela prodigiosa technica e pela bella qualidade de som que tira do seu poetico instrumento, sempre escrupulosamente preocupada em que a delicadeza do jogo não exclua a clareza e a amplitão em tudo o que tem a executar.

Sempre attenta aos progressos da sua arte, Mad^{me} Tassu-Spencer foi uma das primeiras harpistas que quiz conhecer de perto os recursos da nova harpa Lyon, sem pedaes, cuja descripção fizemos, a largo traço, no primeiro numero da nossa *Arte Musical*. Enthusiasmada com as numerosas vantagens do novo systema, a eminente harpista preparou em poucos dias de trabalho uma audição que realisou em Londres, e em que executou na nova harpa a *Fuga em mi menor* de Bach, a *Patruha* de Hasselmans, *Papillons* de Grieg, e *Chacone* de Durand, trechos esses de impossivel execução na antiga harpa Erard.

Em presença do lisongeiro exito obtido n'este concerto e da approvação incondicional que teve a sympathica invenção por parte dos severos criticos d'alem Mancha, Mad^{me} Tassu-Spencer tornou-se um dos mais ferventes apostolos da harpa chromatica sem pedaes, cuja reproducção se encontra na bella gravura que acompanha este artigo.

Começou a estudal-a com ardor, conseguindo fazer um variadissimo repertorio em

que a nova harpa pôde brilhar com todas as suas incontestáveis vantagens; no curto espaço de um anno, foi chamada varias vezes a distincta artista a fazer a apresentação d'este moderno instrumento com equal suc-

mento. Alem de um Methodo especial para a *Harpa chromatica do systema Lyon*, tem transcripto um numero consideravel d'obras dos auctores classicos para harpa, mostrando n'essas transcripções um *savoir faire*



MAD. TASSU-SPENCER

cesso para a illustre apresentante e para o sympathico apresentado.

Mad.me Tassu-Spencer não é só uma virtuose de alto valor; impulsiona-a tambem o desejo de alargar o campo demasiado restricto das obras especiaes para o seu instru-

inexcedivel e um grande respeito pelas tradições artisticas de cada um dos compositores.

Prepara-se presentemente a nossa illustre biographada para uma importante tournée na Russia, e em carta que teve a amabili-

dade de nos dirigir alimenta-nos a vaga esperança de a ouvirmos um dia n'este pequenino cantinho da Europa, tão respeitador dos grandes nomes e tão sedento das grandes manifestações de Arte pura, que tão raramente se lhe proporcionam.

Oxalá se realice a previsão!

LAMBERTINI.

MUSICA DE CAMARA

(Continuado do n.º 7)

No mez de abril de 1882 esteve em Lisboa a «Sociedade de Quartettos de Madrid», composta de Monasterio e Arbós (violinos), Tomas Le-tan (viola), Mirecki (violoncello), Guilbenzu (piano). Deram quatro sessões em que tocaram quartettos de Mozart, Beethoven e Mendelssohn, optimas audições muito concorridas e apreciadas. Na ultima executou-se o semmino de Beethoven, tomando parte Augusto Neuparth (fagotte), Carlos Campos (clarinette), Del Negro (trompa) e Freitas Gazul (contrabaixo).

Depois novo interregno. Continuou a predominar a indolencia que enerva a maior parte dos nossos artistas, não os deixando progredir e trabalhar como devem.

Até que Rey Colaço e Victor Hussla tomaram a iniciativa; em 1888 associaram-se com Cunha e Silva e Alfredo Gazul, encetando as melhores sessões de musica de camara que até hoje tem havido em Lisboa. As primeiras realisaram-se no salão nobre do theatro de D. Maria II, nos dias 6, 20, 27 e 31 de maio do referido anno. Segunda série se realisou n'esse mesmo anno, nos dias 18 e 25 de novembro e 2 de dezembro. Excellente foi o seu exito e bellissima a musica executada. Schumann, Brahms, Rubinstein, então pouco conhecidos entre nós, tiveram primorosa e muito minuciosamente estudada inte pretação, assim como os já familiarmente conhecidos Beethoven, Haydn, Mozart e Mendelssohn. De Schumann executou-se o trio em ré menor, o quartetto em mi bemol, a «Fantasiestuck» para piano e violino, e o quintetto, tomando n'este parte Augusto Gerschey; de Rubinstein ouviu-se o trio em sol menor, e de Brahms o quartetto em sol menor.

No anno seguinte augmentou a sociedade entrando para o gundo violino Filippe Duarte. As sessões realisaram-se na sala da Real Academia de Amadores de Musica, então soffrivelmente installada na rua do Alecrim, e tiveram logar nos domingos 5, 7, 19 e 20

de maio. Executou-se pela primeira vez o sestetto de Brahms, op. 18, em que tomaram parte João Neumayer (2.º viola) e Augusto Palmeiro (2.º violoncello); também foram ouvidos pela primeira vez o quintetto de Sgambati, op. 5, e o trio de Brahms para piano, violino e trompa, sendo a parte d'este instrumento executada por Del Negro. Teve a sociedade n'esse anno a original idéa de realisar uma sessão extraordinaria, no dia 4 de junho, cujo programma foi escolhido pelos assignantes por meio de votação; recabiu a escolha sobre o trio em ré menor de Mendelssohn, a sonata de Beethoven dedicada a Kreutzer e o quartetto de Brahms em sol menor. Ainda no dia 14 do mesmo mez houve mais um concerto extraordinario dedicado a Academia, em que foi executada um quartetto composto pelo professor Alberto Sarti.

Continuou a quarta série em 1890, realisando-se as sessões no salão de S. Carlos nas noites de 8, 15, 21 e 29 de maio. Apenas appareceu de novo o quartetto de Schumann, em lá; n'uma das sessões tomou parte a violinista D. Evira Peixoto.

Quarto anno e quinta serie, em 1891, teve por novidade o quartetto de Saint-Saens, op. 41, e o trio de Niels Gade, op. 29; as sessões foram em 29 de abril, 6, 12 e 20 de maio.

Uma persistencia de quatro annos é realmente coisa rara para os nossos costumes. Por isso o descanso tem sido bem prolongado: uma sexta série veio a apparecer somente em 1893, e constou apenas de tres sessões realisadas nos dias 20 de maio, 3 e 10 de junho. A novidade foi a sonata de Grieg para piano e violino, op. 13.

E até hoje nada mais.

No Porto também se organisou uma sociedade de quartetto, composta de Nicolau Ribas (1.º violino), Moreira de Sá (2.º violino), Marques Pinto (viola), Joaquim Casella (violoncello) e Miguel Angelo (piano). A primeira série constou de 12 sessões, effectuada a primeira no dia 1 de maio e a ultima nos fins de julho. No mesmo anno realisaram segunda série de seis sessões desde 11 de outubro até 15 de novembro.

Continuaram persistentemente até 1881, em que realisaram a setima série, mas os societarios não se conservaram sempre os mesmos: Miguel Angelo foi substituido por Alfredo Napoleão, Casella por Cyrillo Cardoso.

Notaremos a extraordinaria modicidade de preços estabelecida por esta sociedade: 4000 pela série de doze sessões! Pode bem acreditar-se em vista de tal preço, como absolutamente verdadeira a declaração

expressa pelos societarios no prospecto que publica am, de que não os movia a menor sombra de interesse pecuniario. Foi com effeito um louvavel trabalho em puro interesse da arte.

A sociedade de quartettos do Porto foi substituída pelo «Orpheon Portuense» fundado em 1881, especie de academia de amadores destinada, segundo a letra dos seus estatutos, á cultura do canto coral, mas em que a musica instrumental de camara tem a parte mais importante e se apresenta com maior frequencia.

Não cabe aqui fazer a historia d'essa bella instituição, nem tal é necessário, porque está feita desenvolvidamente n'um livro publicado ha dois annos sob o titulo: «Annaes do Orpheon Portuense». Só vale lembrar o nome do seu director e principal fundador, que foi tambem da sociedade de quartettos, e a quem se deve a iniciativa das mais elevadas manifestações que tem no Porto a arte musical: Moreira de Sá.

Este mesmo tenacissimo trabalhador ainda nos fins do anno passado organisou uma nova sociedade de quartettos, da qual fazem parte Henrique Carneiro, Benjamin Gouveia e Carlos Quilez.

Vo temos a Li boa, que uma boa nova se annuncia. Com ella terminaremos por agora o assumpto.

Depois de um aformecimento que não podera talvez ser bem justificado por parte dos artistas, surgiu um grupo de amadores entusiastas, cheios de grande vontade e ardentemente dedicados a um trabalho serio.

Com a sua primeira apresentação coincidiu a appareição da *Arte Musical*. Uma e outra empresa obedecem ao mesmo pensamento, são fructos de eguaes esforços.

Encontram elles resistencias mais ou menos evidentes? Calculada frieza ou propositado desdém?

Bom signal.

Ha difficuldades grandes a vencer?

Talvez se vençam.

ERNESTO VIEIRA.

CONCERTOS

Numerosos e variados os concertos da quinzena que finda hoje.

Variados a todos os respeito: nas obras apresentada, que tiveram por extremos um concerto de Bach e uma valsa de Strauss, e no valor dos executantes, que foram artistas como Rey Colaço e Victor Hu sta intercalados com um pianista vagueante cahido dos montes cantabros sobre os braços

ingenuos dos senhores directores da Real Academia.

Vamos pela ordem chronologica que, por notavel coincidência, nos dá um grande prazer: começaremos bem e acabaremos optimo.

Rompá triumphantemente a marcha Rey Colaço, cujo concerto se realisou no salão do Conservatorio, Domingo 16 ás 2 horas da tarde. Serviu-lhe de abertura — um pouco irreverente, diga-se a verdade — o quartetto de Schumann, o qual se foi executado com algum descuido deve attribuir-se o facto a circumstancias de occasião, porquanto já por outras vezes tem tido interpretação esmerada por parte dos mesmos executantes.

Em compenção o trecho do *Manfredo* de Reinecke, para dois pianos, foi executado com o maior esmero; Francisco Bahia detilhou o seu teclado com extrema limpidez e doçura; Rey Colaço nada lhe ficou devendo n'este ponto, mostrando-se o grande mestre que é, senhor invulneravel de todos os recursos do piano. Dizer que dois pianos tocando ao mesmo tempo não feriram os ouvidos mais susceptiveis, antes os acariciaram com voluptuosa sonoridade é fazer o maior elogio dos pianistas.

E em materia de suavidade, foi o seu extremo ultrapassado pela *Aria da sombra* que nem todo o auditorio ouviu cantar; affirmou uma senhora muito espirituosa mas digna de todo o credito, ter ouvido uma *sombra da aria*.

Nem todos tiveram a mesma fortuna; houve tal que apenas ponde distinguir um *echo da sombra*.

Mas como Rey Colaço tocou a *Sonata apaixonada*! Como elle disse aquelle divino *Andante*! Entre nós, só elle; e mesmo lá fora creio que não muitos outros.

Com suprema elegancia e delicadeza executou tambem os dois pequeninos trechos de Massenet — *Eau dormante et Eau courante* — assim como o *Jour de Noce* de Grieg, fazendo brilhar tambem o *Fado*, nova composição de Bahia, que teve as honras de bis.

Completaram o programma as *Valsas* de Brahms cantadas por quatro senhoras, e um monologo recitado por outra senhora; estes numeros deram á festa artistica um ar alegre de festa escolar que muito bem harmonisou com o local e com os graciosos rostos juvenis que constituíam a maioria do auditorio.

Nada perdeu com isso o grande merito de Rey Colaço.

*

Com diminuta concorrência, effectuou-se,

a 18, no Salão da Trindade, um concerto promovido pelo professor Miguel Angelo, do Porto, para apresentação dos seus filhos e das suas composições.

Como fiel e imparcial chronista, não nos podemos esquivar a dizer que o successo d'uns e d'outras, foi assaz modesto.

Nas diversas peças que os filhos do afamado professor exhibiram no piano, entre as quaes se notavam trechos de Chopin, Schumann, Beethoven e Miguel Angelo, não conseguimos destacar uma só vez aquella nota impressionante que nos attrahe e commove quando estamos em presença de uma manifestação d'arte. Não queremos dizer que os sympathicos rapazes não tenham qualidades recommendaveis, que poderão aproveitar com um longo estudo e com a observancia de bons exemplos; mas faltalhes por ora os dotes que os auctorisem a apresentar-se a um publico, como o de Lisboa, cujo gosto artistico se tem depurado no convívio de bons mestres e de alguns concertistas que aqui tem deixado inolvidaveis recordações.

O jogo é incerto, molle, sem vida, sem expressão, a agilidade fria e machinal, a interpretação incolor.

Quanto ás peças de ensemble, foram apresentadas tres composições do professor portuense, um quintetto do piano, um numero de quartetto de cordas e uma peça a 6 pianos.

Collabora am na execução d'estes trechos alguns dos nossos mais reputados artistas.

Não sabemos que effeito nos produziram estes trechos se fossem razoavelmente interpretados. Não o foram, nem o podiam ser pela simples razão de que não tiveram ensaios, e sem ensaiar e trabalhar uma peça, não ha talento que valha; ha de fatalmente sossobrar.

Perdoem-nos pois os illustres artistas que tomaram parte n'essas peças, se fallamos com tanta clareza, mas entendemos que todo o artista que se prese não deve apresentar-se deante d'essa entidade tão respeitavel que se chama *publico*, sem ter bem a certeza do que vae fazer.

Perdoem-nos tambem os sympathicos pianistas portuenses a nossa rude franqueza; não entendemos a critica d'arte senão leal e desassombrada, sem metaphoras e sem hypocrisias.

*

No immenso salão da Sociedade de Geographia, teve logar em 20 o quarto concerto vocal e instrumental que a Academia de

Amadores offereceu n'esta época aos seus numerosos socios.

Os solistas foram os senhores :

Léon Janet, sapiente mestre da capella de S. Luiz Rei de França, que disse com uma sympathica voz de barytono, admiravelmente timbrada, o arioso do *Roi de Lahore* e uma romança de Saint Saëns.

José B. Martinez, professor hespanhol que, ao que parece, se destina a exercer o magisterio do piano em Lisboa, fez a sua primeira apresentação perante o nosso publico, com o *Concerto de Herz*, peça *ancien régime* que já difficilmente se supporta e o *Concertstück* de Weber em que teve o deploravel gosto de intercalar um Nocturno de Chopin! Como se pôde suppôr fez má impressão esta infeliz escolha de peças e derivou talvez d'ahi a pouca attenção com que o nosso hospede foi escutado.

Além d'isso, tanto uma como outra das peças executadas exigem um acompanhamento, que o sr. Martinez englobou commodamente em si proprio. Pareceu-nos isso um censuravel desrespeito n'um concerto d'esta ordem.

Mad.elle Alice Silva, a gentilissima alumna de Hussla que em alguns solos de violino, nos evidenciou progressos indiscutíveis.

Vem tambem a pello endereçar os nossos emboras ao sr. Alberto Sousa, que acompanhou ao piano com muita intelligencia e sobriedade a sympathica e despretenciosa violinista.

A orchestra portou-se briosamente; não se pôde exigir mais de uma orchestra de amadores. Suppomos que das peças que executou, a unica que se deu em primeira audição foi a Valsa de Strauss, que alguns pessimistas dizem ser mal cabida em concertos d'esta natureza, mas que não deixa de ser deliciosa.

*

Uma encantadora festa musical a 21 d'este mez em casa do Ex.^{mo} Sr. Vieira Marques, cuja esposa é, como sabemos, uma das personalidades mais salientes do nosso mundo artistico.

Pela gentileza dos donos da casa, pela deliciosa musica que proporcionaram aos seus convidados, pelo primoroso *entourage*, pela profusão de lumes e flores, pelos mil detalhes de uma recepção magnificante, podemos dizer que esta festa deixou immorredouras recordações em todos os que tiveram o requintado prazer de a sistir a ella.

Inhibe-nos a falta de espaço de publicar na integra o brilhante programma d'este concerto, mas não nos podemos furtar ao

desejo de dar nota dos illustres amadores e artistas que n'elle tomaram parte.

Foram as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Sarah Motta Vieira Marques, D. Ernestina Freixo, D. Adriana Magalhães, D. Maria Magalhães, D. Elisa Baptista de Sousa e D. Bertha Hussla e os Ex.^{mos} Srs. Rey Colaço, Francisco Bahia, Victor Hussla, José Carneiro, Julio de Magalhães, Antonio Andrade, D. Luiz da Cunha e Menezes, Dr. Ferreira Cardoso, Cecil Mackee, Antonio Lamas e Michel'angelo Lambertini.

E como se não bastassem elementos tão valiosos e tão escrupulosamente escolhidos entre os cultores da divina arte dos sons, tambem veio outra arte irmã, a poesia, prestar o concurso do seu rythmo doce pela bocca d'uma gentil senhora, Mad.^{me} Weinstein, que recitou alguns monologos com admiravel distincção e rara arte.

Em summa, sob todos os aspectos, uma festa digna de melhor chronista.

*

O melhor, mais brilhante e mais artistico concerto, não só da quizena finda mas de toda a presente época, foi sem duvida alguma o de Victor Hussla, realisado no salão da Trindade na noite de 25.

E do mesmo modo, os melhores numeros d'esse memoravel concerto foram — contraste frisante e de muito interesse para o auditor estudioso — o celebre concerto de Bach para dois violinos e o *Concerto romântico* de Godard para piano e violino.

Hussla e Cecil Mackee interpretaram com a maxima correcção a obra de Bach, obra que se ouviu agora pela primeira vez em Lisboa e que ainda ha pouco tempo enthusiasmo até ao delirio o publico de Bruxellas quando a ouviu executada pelos dois grandes violinistas belgas Ysaye e Thomson. Quanto ao concerto de Godard, sobretudo o *Adagio* e o *Scherzo*, cujo *bis* foi solicitado com vehemencia, não podia, ser executado com maior distincção. Os applausos resoavam espontaneos por toda a sala, não sendo menos animados os de El-Rei, que assistiu com interesse a todo o concerto; os alumnos e amigos corriam a abraçar e brindar o mestre, que por alguns momentos se mostrou comovido a ponto de se receiar prejuizo na sua melindrosa saude.

Lambertini acompanhou no seu bello piano de Bechstein o concerto de Godard, como já acompanhára o de Bach; teve chamada especial.

Mackee desempenhou e splendidamente a *Phantasia capricho* de Vieuxtemps, e D. Francisco Redondo cantou a aria do *Tannhauser* acompanhado por Oscar da Silva.

Gosto elevadamente artistico, presidiu tambem á escolha dos numeros incumbidos á orchestra, alguns dos quaes foram regidos por D. Fernando de Sousa. aberturas d' *Preciosa* e do *Rienzi*, trecho do *Peer Gynt*, *Folha d'Album* de Wagner. Além d'estas peças já conhecidas, Hussla apresentou pela primeira vez uma nova composição inspirada na musa popular: tomando por thema a conhecida melodia *Triste vida do marujo*, desenvolveu um bello trecho symphonico, expressivo e abundante de effeitos, optimamente trabalhado.

Talvez que quando o escreveu se lembrasse mais de o fazer ouvir na vasta nave do salão Portugal do que na simples sala da Trindade, mas se assim foi de certo lá o ouviremos, e apostamos que com vantagem.

*

Do *Orpheon Portuense* temos a noticia de duas interessantes sessões; uma realisada no dia 15, na qual tomaram parte alguns discipulos de Moreira de Sá, outra no dia 22 realisada pelo quartetto de que este illustre mestre é director. Na primeira, além de diversos fragmentos e pequenos trechos, executou-se completo o *trio em dó menor*, de Mendelssohn; a segunda consistiu unicamente dos dois quartettos de Beethoven em *dó sustenido menor*, op. 131, e em *dó menor*, op. 59. O programma d'esta segunda sessão foi illustrado com um pequeno artigo assignado por Vianna da Motta, commentando as duas obras executadas.

*

No momento do nosso jornal entrar na machina, teem logar em casa dos nobres Condes de Proença a Velha uma *matinée* do mais alto interesse artistico, destinada á audiçao exclusiva do celebre *Stabat Mater* de Pergolese, que, ao que julgamos, é a primeira vez que se executa em Lisboa, na integra.

Consta nos que a sr.^a Condessa projecta uma *séance* conferencia especialmente dedicada a Beethoven, em que se farão ouvir algumas das composições do celebre musico sendo conferente um dos nossos primeiros oradores.

*

Diz-se que essa sympathica idéa vae ser reproduzida publicamente, por iniciativa do illustre professor Alexandre Rey Colaço no salão do Conservatorio.

No mesmo salão, projectam-se tambem tres concertos de musica de camera, que se devem realisar ainda antes do encerramento da época.

GALERIA DOS NOSSOS

Francisco J. de S. Bahia



EM tempos de que me não lembro sem saudade, conheci-o em lucta aberta com o Dever e com o Haver, amontoando algarismos na chinezificação das quatro operações... Um bello dia, não sei que fada lhe segredou que havia de ser musico e dos melhores e sem mais cerimônias, atirou para

as ortigas com o Diário e com o Razão.

Não se enganou a boa fada.

Francisco Bahia é hoje um dos nossos primeiros mestres, laborioso, entusiasta sincero pela sua arte, tenacissimo no empenho de progredir e de fazer progredir os seus numerosos discipulos.

Ha 8 annos que o nosso Conservatorio o conta no numero dos seus professores e é realmente como professor que o seu perfil mais constantemente se nos evidencia.

E então, pergunto a mim mesmo porque extranhos milagres consegue encontrar, no meio dos labores do magisterio, um pedaço de tempo para conservar aquella pureza de technica, com que ha annos nos deu a primeira audição do famoso Concerto de Grieg e ha dias uma audição não menos notavel das variações do Manfred, em collaboração com Rey Colaço.

São segredos que só aos eleitos é dado descortinar. O vulgo não os percebe.

SCHAUNARD.

DE PARIS

Notas e impressões

Abril, 23.

Fim de saison musical...

Os grandes concertos symphonics terminaram já; as pequenas audições de musica de cama e as séances de concertistas estão a acabar também.

Um ou outro teimoso retardatario respiga

os applausos mornos e condescendentes de um auditorio de *borlistas*, — dando-se a illusão de um lisongeiro successo, custosamente pago, de resto, com o saldar do deficit habitual — e umas gentis *demoiselles*, antigas discipulas de celebres professores, realisam, quasi nas mesmas condições, os seus concertos annuaes...

Constato com um certo prazer, confesso, que o longo e despotico reinado dos pianistas vae diminuindo sensivelmente, progressivamente, de importancia: que vae, enfim, tomando a justa e normal significação de um meio artistico.

O publico dos concertos parisienses começa — o que não é sem tempo — a exigir um pouco de musica a estes habilitados senhores. Os tradicionaes *per-lim-pim-pins* impecaveis, já não despertam esses enthusiasmos doidos nem essas ovações legendarias que tantas vezes embriagaram o genial Liszt e seus contemporaneos; as prestimanas attitudes, os lyricos tregeitos e requebros, vão esbarrando com uma indifferença de mau agoiro... — de bom prenuncio artistico.

— «Venha de lá um bocadinho de boa musica, seu pianista!...»

Muitos ha que satisfazem esta desconcertante exigencia; muitissimos existem, que a acham irritante, descabida, superflua...

— «Musica?!... Mas nós não somos musicos; — só tocamos piano!...»

E, com um superior desdém de incomprehendidos, continuam a zurzir os pacientes Pleyel e Erard (os pianos, é claro), n'uma acrobacia louca e desordenada de epilepticos, ou na inconsciente correcção de machinas azeitadas.

Na impossibilidade absoluta de poder dar uma ligeira apreciação pessoal de todas as obras musicas, verdadeiramente novas, que ouvi este inverno, limitar-me-hei a indicar aquellas que mais particularmente me interessaram.

Depois da discutida e festejada alliança franco-russa, os novos alliados tomam uma larga parte nos programmas francezes. E ainda bem, pois que esta chimera politica nos faz conhecer uma das mais interessantes manifestações da evolução musical d'este fim de seculo. Embora bastante discutiveis sob o ponto de vista puramente musical, as composições orchestraes de alguns russos são verdadeiramente notaveis como technica. O colorido instrumental é, sem duvida, a principal caracteristica d'esta vigorosa escola.

A virtuosidade de *Scheherazade* de Rimski-

ky Korsakow, por exemplo, deixou-me profundamente embasbacado. .

Scheherazade é uma symphonia(?) em quatro partes (segundo o programma), inspirada das maravilhosas narrativas da sultana das *Mil e uma noites*, e aonde o compositor se julga obrigado a dar a nota do maravilhoso, — insufficiente no vago symbolismo musical — n'uma prodigiosa e estranha combinação rythmica e instrumental. Passado, porém, o primeiro momento de surpresa, a minha admiração foi-se transformando, pouco a pouco, n'um vago receio que augmenta e me persegue noite e dia; — o que será de nós, se a orchestra, este incomparavel instrumento de Beethoven e de Wagner, se transforma, tambem, n'um informe e monstruoso instrumento, fóra do dominio da musica, tocado por *um dos taes*, por um epileptico? . . .

Pelo que me toca, fujo e abandono os ruidosos arruaes d'estes *modernos*. . . — refugio-me no órgão, — no grave e austero órgão de Sebastião Bach, — diligenciando executar, como na simplicidade e no fervor de uma prece, o que, na terra, de mais sublime existe. . .

FA-DO-LA.

*

P. S. — Realisa-se hoje a quarta e ultima *seance* dos alumnos de Raoul Pugno, na sala Pleyel. Estas *seances*, altamente interessantes, foram destinadas á execução exclusiva dos 48 preludios e fugas do *Clavecin bien tempéré* de Bach.



Do Paiz

Está quasi concluido o órgão da egreja de S. Nicolau, habilmente restaurado pelos srs. Amor Machado e Duarte Silva. Era um velho instrumento de auctor desconhecido, mas de typo muito semelhante aos de Machado Cerveira que abundam nas nossas egrejas; estava em lastimoso estado, menos pela acção do tempo do que pelos estragos que lhe tinham feito diversos *pseudo-restauradores*. Um trocou-lhe certos registos, outro tapou-lhe uma grande quantidade de tubos para não ter o trabalho de os afinar; pressão e distribuição do vento mal regulada, vedações e soldaduras mal feitas, afinação imperfeitissima.

Hoje está tudo regulado e aperfeiçoado com algumas innovações. Uma d'ellas e a mais importante é a do folle, que é um só, feito pelo systema moderno inglez, tão leve

que pôde ser manobrado com extrema facilidade por um rapaz de doze annos, sem deixar de produzir tiragem e pressão sufficientes para fazer falar todos os registos que o organista queira empregar simultaneamente. Possui excellentes flautados, sendo um d'elles de 24 com intensa sonoridade e outro de 6 muito brilhante; a palleteria é abundante e numerosa em registos compostos, como geralmente succede nos nossos órgãos, havendo um registo chamado «corneta real», que é formado com sete fileiras de tubos para cada nota.

Fica um bello instrumento, graças á pericia e consciencioso trabalho dos actuaes restauradores, cuja competencia já tem sido provada exuberantemente na restauração de muitos outros órgãos importantes, como o dos Martyres e de S. Roque.

Uma observação: lá fóra quando se estreia um grande órgão, novo ou renovado, faz-se uma inauguração solemne presidi-la por auctoridades ecclesiasticas e artisticas, na qual organistas habéis patenteando os recursos do instrumento dão tambem provas do proprio talento.

Não será isto bom para imitar, visto que tanta coisa má se imita?

Talvez julguem que «não vale a pena». . .

*

Foi approvedo pela direcção da Real Academia de Amadores de Musica o novo programma do curso da aula de piano da mesma Academia, redigido por Hernani Braga. Brevemente será impresso.

*

Do Estrangeiro

O nosso compatriota e amigo Francisco de Lacerda, acaba de fundar em Paris uma associação internacional de *folkloristas*, destinada a recolher e a fixar tudo o que diga respeito ao canto, poesia e dança populares do mundo inteiro.

Esta associação de que em breve nos occuparemos mais detidamente, é constituida por representantes de quasi todos os paizes civilizados e presidida por Bourgault-Ducoudray e pelo nosso illustre compatriota.

*

O decano dos organistas em effectividade de serviço é decerto aquelle que ultimamente festejou o seu nonagessimo quarto anniversario. Chama-se Colombiano Rossi e desempenha ha sessenta e sete annos as funcções de organista em Andermatt, na Suissa. Está ainda apto para trabalhar e não pensa na reforma.